Para Ulisses e Irlanda,
meu pai e minha mãe

Tá vendo aquele homem,
ele não é o diabo.
Pode ser pior, mas é homem.
Pode ser filho de Deus, mas é homem
O homem é o barro do homem.

Antes do começo

Se nos quisesse perfeitos,
fizesse-nos perfeitos.

Como se chega ao extremo?
Vivendo.
Sal demais, nenhum sal.
Um dia após muitos outros dias. É longo o caminho.
Chão acidentado,
desprezo,
declives,
quedas.
A descida até ao lugar onde somos capazes de tudo é, por vezes, um desmoronamento lento misturado à banalidade dos dias.
Ou abrupta avalanche.

E se a vida nos leva com ofensas, uma atrás da outra,
é bom que saibamos, por compaixão, que não há quem não vá.
Vamos.
E é por isso que não se trata de uma compaixão desinteressada.

É antes uma reciprocidade premeditada.

Alguma bondade nos servirá a todos, melhor defendê-la.
Vou contar o que sei.
É pouco.
Vi apenas a cena principal, mas foi o que me bastou
para o resto da vida.

Passei a acompanhar a repercussão nos jornais e revistas,
li e ouvi entrevistas,
versões romanceadas,
investigações agressivas.

Muito foi sendo revelado:
infância, fé, entranhas.
O indizível.
As maledicências.
Os apelos desesperados.
A comoção dilacerante.

Algumas fotografias observei, demoradamente,
buscando na geografia dos rostos,
na curvatura das espinhas dorsais,
o percurso que levou aquelas pessoas até ali,
o lugar onde nos encontramos. À hora exata.
Sorte ou azar?
Destino?
Fluxo?
Quem pode reduzir a uma palavra
o que a sincronicidade engendrou?
Foi com esse barro que me dei um deus,
feito à minha imagem e semelhança, e que tudo viu.
Cada coração, cada fígado, cada genitália.
Todos os céus e infernos e silêncios.
Tornei inseparáveis «o que foi» e «o que poderia ser».
Fiz do possível o provável e, dele, o óbvio.

Nada me foi indiferente.

E ainda assim, nada me comoveu um outro desfecho.

Por ironia, ao longo de todos esses anos
o que mais pesou em mim foi a felicidade.
Sim, a felicidade às vezes é uma manta curta,
não dá para todos.
Puxei com demasiada força a minha parte.
As consequências, ainda hoje, varam as minhas madrugadas.

Não há consolo em dizer que o que nos acontece, nos acontece.
Parte fazemos, parte nos fazem.
Às vezes, é preciso ir longe para chegar vindo de trás e alcançar a véspera da véspera da véspera do acontecimento. O momento preciso em que tomamos ou somos tomados por uma direção e um belo dia… ou um triste dia, somos o que somos.

Vamos ao começo.

1

Aos primeiros raios de consciência, antes de abrir os olhos, Vedina Maria dos Santos, deitada na sua cama, como um feto que se recusa a nascer, deslizou o braço no espaço vazio ao lado do seu corpo e passou a mão no lençol impecável e frio. Mais uma vez, Abel não dormira com ela. Só então franziu a testa e se levantou como se dos talhos profundos entre as sobrancelhas encontrasse forças para mais um dia.

Caminhou até ao banheiro, sentou-se no vaso, os pés dois palmos separados, os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça pendida para a frente. Esvaziou a mente enquanto ouvia, do início ao fim, o som do seu mijo bater na água parada. Única meditação do dia. Dali em diante, seria invadida por intermináveis diálogos mentais. Brutos, ressentidos. Polifónicos. Estava em guerra. Queria outra vida.

Vestiu uma roupa de reunião. Escovou os dentes, lavou a boca com água gelada, juntou os cabelos num rabo displicente e olhou-se por alguns segundos no espelho. Constatou, olho no olho, que ainda estava ali. Humilhada, foi acordar o filho. Passou pela sala e, sobre o sofá, viu o travesseiro e a coberta de Abel.

Augustinho dormia profundamente. «Augusto», chamou, sem diminutivos. «Acorda. Vamos. Tá na hora», insistiu, sacudindo-o, também sem diminutivos.

O corpinho de cinco anos, antes inerte, como um carro de última geração, ganhou velocidade de zero a cem em trinta segundos. «Não, senhor…», interveio Vedina, com a impaciência acumulada em cinco anos de cansaço, tirando das mãos de Augusto o

brinquedo que, Deus sabe como, já tinha ido parar lá. «Para o banheiro, agora. Faz seu xixi, lava o rosto e escova os dentes. Vamos, vamos!»

Augusto obedeceu, não sem antes driblar a mãe e sair do quarto levando com habilidade uma bola entre os pés, enquanto narrava em rotação acelerada uma final de campeonato.

Vedina, de volta aos seus pensamentos, organizou mecanicamente algumas roupas na mochila colorida. Uma bermuda verde, uma camiseta branca com uma moto estampada espalhando terra para todo lado e um agasalho com capuz. Pôs também um pouco de dinheiro no bolsinho interno, um pouco mais do que costumava pôr todos os dias. Fez tudo concentrada nas verdades que precisava de dizer a Abel, garimpando as melhores palavras para o deixar, decisão que na sua cabeça levava a cabo, diariamente, mas nunca na prática. Não queria apenas uma separação, queria, embora não admitisse, devolver-lhe cada dia de sofrimento. Foi quando ouviu um barulho cortante. Correu até à sala e encontrou a cristaleira e os seus cristais espatifados no chão. Era o golo de Augusto.

«Que inferno! Já falei mil vezes para você não jogar a merda dessa bola dentro de casa», gritou ensandecida.

Agarrou, enérgica, o braço do menino assustado e arrastou-o até ao quarto. Ignorou os pezinhos, pão francês, triscando o pontiagudo dos cacos de vidro espalhados pelo chão da sala. Com movimentos bruscos, pôs a roupa ao filho, que por sua vez não demorou a dar os primeiros sinais de ter superado o susto da cristaleira destruída, e com caras e trejeitos, rebolados e patetices, pôs-se a chacotear a longa fúria da mãe. Desde que ele nasceu, sou obrigada a ser sua mãe, talvez tenha sido esse o pensamento que atravessou Vedina, no exato momento em que ignorou um fio de sangue que manchou, como um dominó, a meia branca do filho.

Naquele dia, ela deixou tudo como estava. A pia suja, as camas desfeitas e a infância irritante estilhaçada no chão da sala. Era assim que Abel encontraria a casa ao voltar da padaria ou do raio que o parta. Vedina apressou-se, não queria encontrá-lo. Pôs o filho no banco de trás do carro, preso com o cinto de segurança. Arrancou.

Mal saiu da garagem, voltou a dizer a Abel para sair de casa. Não aceitaria mais o dar de ombros dele. Viu a expressão inalterada do marido, a provocação da sua surdez, o desrespeito de nenhuma atitude. Abel era opaco. Era irritante. Rocha.

Vedina soltou as mãos do volante e estalou os dedos, um mau hábito com bons efeitos sobre o seu corpo atormentado. Ao longe, os sons do filho pulando, já solto no banco de trás. A onomatopeia da luta dos Power Rangers na mão do menino

era repleta de texturas sonoras. Dentro de Vedina, os gritos eram ainda mais altos. O corpo pequeno de Augusto, em pleno ritmo, golpeava o ar: chutes nas galáxias, cambalhotas heróicas. Os pensamentos de Vedina em rotação acelerada ensaiavam o rompimento com Abel tomados por sons mais agressivos que os de naves espaciais velozes e sabres fosforescentes. O menino noutro planeta tão distante quanto a mãe. Lá, para ele, não havia gravidade, para ela era só o que havia. Ele podia voar, ela não. E no golpe decisivo, aquele que acabaria com os monstros invasores, Augusto chuta a cabeça da mãe. Vedina mete o pé no travão até ao fundo. A parada é brusca. Augustinho voa.

Voa e bate na consola do carro. Bate e explode numa gargalhada. Aquilo foi uma manobra radical, o monstro fora para sempre humilhado. A gargalhada agride. Vedina abre a porta e sai. O passo é cego e firme, todas as articulações tomadas de determinação. Ela puxa o filho para a calçada e em seguida joga no chão, aos pezinhos dele, a mochila colorida. Sem uma palavra, entra novamente no carro e arranca. Vai-te foder, Abel, vai-te foder.

Augustinho requebra arteiro na calçada. Não pressente. Tudo ainda é outra galáxia. O carro da mãe afasta-se. Vedina, ainda cega, vê pelo retrovisor o corpo saliente do filho lentamente paralisar. Vê a caricatura de menino levado desmanchar-se. A mão, biscoito maria, cheia de furinhos, deixa cair o Power Ranger no chão e enrola aflita, com a pontinha dos dedos, a barra da camiseta.

Nem meio quarteirão depois, ela dá-se conta: a avenida é de mão única. Há muitos carros atrás dela. Não consegue encostar. Não consegue dar meia-volta. Decide dar a volta no quarteirão. Vira na primeira à direita e acelera. Sem demora alcança uma fila de carros menos apressados. Vedina pressiona, quase cola no carro da frente, buzina, mas pouco adianta… Vai, vai… Finalmente, na próxima esquina, ela vira à direita e a poucos metros há um camião do lixo parado. O bom humor dos lixeiros parece-lhe insuportável. Há uma pilha de sacos para ser recolhida. Eles dançam e brincam. Vedina pensa em ultrapassar o camião, mas a pista ao lado está movimentada. Muitos carros vindo. Ela buzina, ninguém a compreende. Só falta um saco, um dos rapazes pega-lhe e joga-o de longe como se o camião fosse uma cesta de basquete. O saco bate no aro e rasga. Ela bate as mãos com força no volante. Ele abaixa e cata o lixo. Ele demora. Ele é um filho da puta. O camião começa a andar. Agora vai. Vai, caralho! Mas, logo adiante, outra pilha de sacos de lixo. E mais uma vez. E mais outra vez. Vedina estala os dedos, quer quebrá-los.

Finalmente o camião segue reto e ela vira à direita. Falta pouco. O sinal fecha, uma senhora idosa atravessa na faixa. O sinal abre para Vedina, ela quer arrancar, mas a senhora é lenta. A faixa é a faixa, soberana, civilizada e deitada sem pressa no chão. Mais meio quarteirão, apenas meio quarteirão, e estará de volta à rua onde deixou Augusto. Ela segue tentando correr. Chega na esquina, para, aguarda o fluxo de carros passar, precisa conseguir entrar. Ela força a barra, os carros buzinam. O horário é de pico, movimentado, todos medem pressa uns com os outros. Ninguém a deixa entrar. Mas ela joga-se na marra, sob protestos ruidosos, acelera e para exatamente onde deixou Augusto. Já não tem certeza… mas acha que foi ali. Ele não está lá. Ela desce do carro e anda aflita. Não vê o filho. Corre na banca e pergunta. «Alguém viu um menininho de cinco anos, vestindo…» Como ele estava vestido mesmo? Ela não se lembra, não reparou. Tenta explicar como ele é… Busca tremendo uma foto no celular. Ninguém viu. Corre para um lado, corre para o outro. Estala os dedos que já não estalam. Os talhos profundos entre as sobrancelhas ganham status de abismos. Ninguém viu. Vedina, agora, é uma carne desesperada girando sobre si mesma. Pensa em Abel, o que vai dizer ao Abel?